

Educação das relações étnico-raciais para as infâncias negras: na voz, as mulheres negras brasileiras!

Sandy Emanuele Sampaio Santos¹

Eduardo Oliveira Miranda²

Resumo

O presente artigo reverbera das inquietações provocadas por uma pesquisa em desenvolvimento no mestrado em Educação na Universidade Estadual de Feira de Santana juntamente com as vivências proporcionadas pelo projeto de extensão “Educação Descoral: Possibilidades Afro-brasileiras para a (RE)invenção docente - CNPq” desenvolvido no território quilombola de Candeal II em Feira de Santana, Bahia, em que diante das leituras e aprendizagens, foi observado a grande volume de produções acadêmicas com autoria de mulheres negras sobre o tema em questão. A partir desse contexto, teremos por objetivo, evidenciar o protagonismo das mulheres negras brasileiras na educação das relações étnico-raciais para as infâncias negras, destacando suas contribuições para o fortalecimento das identidades das crianças negras. Para subsidiar nossa discussão, de abordagem qualitativa e cunho bibliográfico utilizaremos o aporte teórico das filosofias africanas e afro-brasileiras e das epistemologias feministas negras, a partir das autoras (es) como Carneiro (2005), Lugones (2014), Cavalleiro (2000), Luz (2000), Machado (2017), Trindade (2005), Santos (2024), Miranda (2014), Santos (2024). Essa reflexão nos tensiona a pensarmos a importância e necessidade de evidenciarmos a intelectualidade e a potência criadora das mulheres negras amplificando suas vozes e suas produções acadêmicas no cenário das teorias educacionais brasileiras que são fundamentais ao enfrentamento do racismo presente na vida das crianças negras desde a tenra idade, contribuindo assim com o fortalecimento das identidades negras através das práticas antirracistas desde a primeira infância.

Palavras-Chave: Educação das relações étnico-raciais; Professoras negras; Infâncias negras; Educação antirracista; Feminismo Negro.

Introdução

Diante da lógica estabelecida pelo mundo ocidental, machista, sexista e racista, não há espaço para reconhecimento das potencialidades, intelectualidades e inventividades das mulheres negras. Sueli Carneiro (2005) nos diz que dentro dessa estrutura colonizada que nos silencia, somos lidas e colocadas no lugar de não existência, lugar do Outro e lugar do não ser. Porém, diferente do que o ocidente discursa sobre nós, somos a força geradora de todas as coisas e na ancestralidade que nos antecede existiram mulheres inspiradoras e cheias de sabedorias que foram subalternizadas para que a estrutura patriarcal pudesse se fortalecer em nossa sociedade. Deste modo, é necessário inicialmente retomarmos o feminino numa perspectiva africana e afro-brasileira, para refletiremos sobre as produções das mulheres negras que pensam as infâncias negras. A professora Adilbênia Machado (2020) apresenta o feminino como:

¹ Mestre em Educação; Universidade Estadual de Feira de Santana; Feira de Santana, Bahia, Brasil; Email: sandy_sampaio@outlook.com

² Doutor em Educação. Docente na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Feira de Santana, Bahia, Brasil. Email: comiranda@uefs.br

a potência espiritual, ética, estética, política, cultural, social, do direito de ser, de viver a energia feminina que há em cada uma de nós. O feminino é insurgente! Encantador e Encanto! Ancestralidade ontem, hoje, e amanhã... É a possibilidade de ser da própria existência. Por ser encantado tem a ampliação da liberdade e do bem-viver como preponderantes em suas tessituras (Machado, 2020, p. 3)

E as mulheres negras são a personificação desse feminino tão valorizado nas filosofias africanas e afro-brasileiras que banharão o percurso desta escrita. Sendo assim, entender a grandeza feminina negra é:

uma implicação contínua com a potência da existência em todos os sentidos, é implicação com descolonização (epistemológica, sensorial, corporal, ética, estética, política, cultural), o antirracismo, a luta contra o patriarcado, o sexismo, o genocídio, e o epistemicídio (Machado, 2020, p. 3).

Para isto, se faz necessário então romper com a colonialidade do gênero (Lugones, 2014) que a todo tempo tenta nos silenciar e diminuir, para que possamos abraçar e acolher tudo que essa potencialidade feminina negra nos ensina e nos convoca a ser. Neste sentido, pensando o cenário acadêmico brasileiro, o feminino e a educação, surge a partir das lutas do Movimento Negro (1930) e do Feminismo Negro (1970) como fruto desses tensionamentos, a possibilidade formação educacional de mais mulheres negras até o ensino superior e essas mulheres são as primeiras a evidenciar no campo acadêmico e educacional que as infâncias e as crianças têm cor, privilégios e diferenças. Deste modo, os estudos e práticas sobre a educação das relações étnico-raciais começam a pensar também nesta etapa de vida que é a infância e nas etapas da educação escolar para as crianças, pois, assim como elas, suas crianças negras, são atravessadas desde a tenra idade por opressões adultocêntricas e racistas.

Sendo assim, é preciso nos atentarmos que a interseccionalidade das opressões atravessa o corpo-território (Miranda, 2014) tanto das mulheres negras, quanto das crianças negras e a via comum desses atravessamentos são o racismo, o patriarcado e o adultocentrismo, pois, eles ditam os códigos sociais que favorecem a branquitude (Bento, 2002), a masculinidade e a adultez, e desta forma, não pensam as pessoas negras, as mulheres negras e as crianças negras. Entretanto, em resistência a este cenário posto socialmente, temos acesso atualmente a partir dos estudos de Virginia Bicudo (1950) à Marta Alencar (2024) um vasto repertório antirracista teórico, metodológico e prático de pesquisas acadêmicas e práticas pedagógicas que são consequências da inventividade desse feminino negro que é político, insurgente e encantador e que não se conforma com o lugar que a colonialidade insiste em nos reduzir.

Portanto, teremos por objetivo nesse texto evidenciar o protagonismo das mulheres negras brasileiras na educação das relações étnico-raciais para as infâncias negras, destacando suas contribuições para o fortalecimento das identidades das crianças negras. Para isto, desenvolveremos uma reflexão teórica, de abordagem qualitativa, fundamentada bibliograficamente

nas produções acadêmicas de mulheres negras que são as protagonistas no debate teórico e prático da educação das relações étnico-raciais para as infâncias negras e deste modo contribuem ao longo dos anos com o fortalecimento e reconhecimento da identidade das crianças negras.

A partir das leituras das obras de Virgínia Bicudo (1950), Eliane Cavalleiro (2000), Narcimária Luz (2000), Azoilda Trindade (2005), Vanda Machado (2017), Marta Santos (2024) e Sandy Santos (2024) realizou-se uma análise reflexiva da potencialidade das produções dessas mulheres negras para o fortalecimento da educação das relações étnico-raciais nas infâncias e por sua vez das identidades das crianças negras. Frisamos que neste trabalho apresentaremos os nomes das mulheres com sobrenome, visando evidenciá-las. Para tanto, desenvolveu-se a discussão dos resultados em momentos sequenciais, tomando como base o percurso cronológico das obras das autoras no intuito de favorecer a reflexão e aprofundamento sobre esse tema ao longo dos anos.

Dessa forma, devemos então compreender assim como as mulheres negras aprenderam e colocaram em prática em suas experiências, que pensar e defender o *bem-viver* da comunidade negra, é retomar a partir do princípio de *Sankofa* que nos ensina que, “nunca é tarde para voltar e apanhar aquilo que ficou atrás”, representado pelo Adinkra de um pássaro com a cabeça voltada para trás que carrega um ovo consigo (as futuras gerações), que só é possível fazer esse movimento antirracista e decolonial na educação, a partir da educação das relações étnico-raciais, se levarmos as crianças negras e as suas infâncias conosco e só conseguiremos isso a partir do resgate positivo da ancestralidade e memória da história do nosso povo negro que celebra o feminino ancestral.

Educação das relações étnico-raciais na infância para quê?

No Brasil não nascemos negro, nos tornamos negros como nos ensina Neusa Santos Souza (2021). Essa construção identitária acontece a partir das experiências que temos no nosso cotidiano, nas relações, nas aprendizagens, porém por conta dos atravessamentos racistas da nossa sociedade, a maioria delas são vivenciadas a partir do que a autora chama de “mito negro” que são forjados pelos os estereótipos ruins e inferiores designados a nós e neste contexto, nos recusamos a ser e parecer negros desde a tenra idade.

As crianças negras que estão na fase inicial desse processo de construção identitária e socialização, percebem em seu cotidiano como são hierárquicas as relações raciais em nossa sociedade, em que o negro é inferiorizado em detrimento do branco, diante disso, as crianças

como são espertas e inteligentes, constroem negação e defesa a negritude que carregam, já que lhes é apresentado em diversas esferas sociais que é ruim ser negro e sabemos que ninguém quer aceitar esse lugar de submissão e inferiorização, nem mesmo as crianças negras, logo o caminho que encontram é de silenciamento de quem são.

Precisamos então, retomar os conceitos de raça e racismo para pensarmos sua relação com as infâncias negras. Segundo Nilma Gomes (2020, p. 49) “As raças são, na realidade, construções sociais, políticas e culturais produzidas nas relações sociais e de poder ao longo do processo histórico. Não significa dado da natureza”. Mesmo que por muito tempo tenha se acreditado nisso e utilizado como forma de dominação sobre nós, os ditos subalternizados. Já o racismo é o desdobramento dessa categorização, são atitudes de cunho racial ofensivas contra pessoas não brancas. O racismo é uma ação resultante da aversão, do ódio, em relação às pessoas com pertencimento racial (Gomes, 2002). São atitudes violentas, falas, olhares, comportamentos pejorativos que negam o que não é branco.

Neste sentido, precisamos compreender que:

(...)a classificação e a hierarquização racial hoje existentes, construídas na efervescência das relações sociais e no contexto da escravidão e do racismo, passaram a regular as relações entre negros e brancos como mais uma lógica desenvolvida no interior da nossa sociedade. Uma vez constituídas, são introjetadas nos indivíduos negros e brancos pela cultura. Somos educados pelo meio sociocultural a enxergar certas diferenças, as quais fazem parte de um sistema de representações construído socialmente por meio de tensões, conflitos, acordos e negociações sociais (Gomes, p.23,24).

Na infância, as crianças negras já estão sujeitas a essas relações raciais, são atravessadas pelos seus desdobramentos e ao mesmo tempo estão construindo e fortalecendo suas identidades, e como Gomes (2002) nos apresenta, identidade não é algo inato, e sendo assim não é apenas cultural, mas sócio político e histórico, além de ser um processo contínuo, jamais inacabado (Munanga, 2006). Logo, precisamos questionar: Por quais lentes as crianças negras fortalecem sua identidade que é racializada? Nesse sentido, para que elas se fortaleçam e construam sua autoimagem de maneira orgulhosa é necessário que se apresente um repertório vasto de representações identitárias positivas do ser negro para as crianças, a fim de que elas se percebam, se compreendam, identifiquem a partir de suas singularidades positivamente. Desse modo, Bento (2011, p. 110) nos diz:

A identificação é o mecanismo fundamental pelo qual se constitui uma pessoa, ou melhor, um sujeito. Há várias identificações simultâneas, que podem ser contraditórias umas com as outras; identificações comuns a todos os seres humanos, e específicas de certos grupos, assim como identificações absolutamente individuais, que nos constituem como pessoas singulares, únicas.

Identidades essas que são diversas em suas singularidades, mas que podem ser comuns e/ou contraditórias aos grupos negros. Portanto, nada melhor do que proporcionar múltiplas

possibilidades históricas, culturais, sociais positivas nesse caminho de autoconhecimento, principalmente para as crianças negras e indígenas em suas identidades ancestrais. Mas será mesmo que isso acontece? Quem se interessa em fortalecer as identidades das crianças negras?

Porém, não podemos perder de vista neste debate é que constituir a identidade negra no Brasil perpassa por diversas questões. Munanga (2012) nos diz que essas construções é atravessada pela sua historicidade, cultura, língua e psicológico. Para o autor a identidade negra perpassa pela identificação do tom de pele negro, porém não se limita a característica biológica, pois:

[...] a identidade negra não nasce do simples fato de tomar consciência da diferença de pigmentação entre brancos e negros ou negros e amarelos. A negritude ou a identidade negra se refere à história comum que o olhar do mundo ocidental “branco” reuniu sob o nome de negros. A negritude não se refere somente à cultura dos portadores da pele negra, que aliás, são todos culturalmente diferentes. Na realidade, o que esses grupos humanos têm fundamentalmente em comum não é, como parece indicar o termo negritude, a cor da pele, mas sim o fato de terem sido na história vítimas das piores tentativas de desumanização e terem sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mais do que isso, ter sido simplesmente negada a existência dessas culturas (Munanga, 2012, p. 12).

Desse modo, é necessário despertar desde a infância essa consciência completa de todos os aspectos que legitimam o pertencimento da negritude de forma orgulhosa e respeitosa. Resgatar nossa humanidade é imprescindível na garantia de uma infância na sua totalidade e singularidade. Mas como fazer isso com as crianças? Por quais caminhos podemos seguir? Precisamos refletir que todas camadas da construção identitária perpassam nosso corpo, e as crianças não estão fora desse forjamento corporal que se dá em diversas camadas, por isso é indispensável compreendermos quem somos, pois vivenciamos as experiências raciais a partir do corpo, sejam elas físicas ou psíquicas, logo os nossos corpos carregam suas marcas, então, o conceito de Corpo-Território nos ajuda a abranger nossa concepção limitada ao corpo físico, e nos ajuda a percebê-lo em suas diversas camadas, inclusive enquanto território, pois:

(...) propicia ao indivíduo entender o que está ao seu redor a partir do seu próprio corpo, de si mesmo, sua posse sobre o seu corpo, assim como uma territorialidade em constante movimento que para onde se desloca carrega consigo toda a bagagem cultural construída ao longo das suas trajetórias (Miranda, 2014, p. 69-70).

Se apropriar desse conceito é importante para olharmos para as crianças com amplitude que abarque suas vivências, trajetórias, aflições, curiosidades, potencialidades e que elas aprendam a se olhar assim também, ainda mais as crianças negras que têm seu corpo-território-criança (Santos, 2024) marcados por estereótipos negativos, mas a partir de uma construção de identidade positiva da sua negritude, é possível que elas possam compreender que ser negro tem peso cultural, histórico e social e não as limita, para que assim elas possam desenvolver

estratégias de auto afirmação, autoestima, valorizando o ser negro desde a infância. Olhando e compreendendo o corpo-território para além da estética, mas sim em toda a sua potencialidade, ancestralidade e as memórias que ele carrega.

Portanto, em sentido ao fortalecimento das identidades negras infantis, a educação das relações étnico-raciais, tem papel fundamental nesse movimento antirracista desde a tenra idade, pois como nos ensina Gomes (2013, p. 83):

A educação para as relações étnico-raciais que cumpre com seu papel é aquela em que as crianças, os adolescentes, os jovens, e os adultos negros e brancos, ao passarem pela escola básica, questionem a si mesmos nos seus próprios preconceitos, tornem-se dispostos a mudar posturas e práticas discriminatórias, reconheçam a beleza e a riqueza das diferenças e compreendam como essas foram transformadas em desigualdades nas relações de poder e de dominação.

Porém, este cenário de denúncias e movimentação antirracista para as infâncias nem sempre foi assim. Temos um vasto referencial da sociologia da infância que pensa as crianças e suas infâncias, mas numa perspectiva branca e eurocêntrica, que pouco pesquisa e evidencia as crianças negras e suas infâncias em seus estudos. Pois, pensar, discutir e evidenciar as infâncias, sejam elas pertencentes à algum grupo racial nunca foi de interesse da sociedade de sempre se construiu pela perspectiva adultocêntrica. Segundo Santiago e Faria (2015, p. 73):

O adultocentrismo é um dos preconceitos mais naturalizados pela sociedade contemporânea. Ele atribui capacidades e fazeres às crianças para que se tornem adultas no futuro, desconsiderando os aspectos singulares da própria infância, tornando esse momento da vida apenas uma passagem, apenas um vir a ser, em que aprendemos a nos relacionar e a nos integrar à sociedade.

Ora, se diante dessa estrutura adultocêntrica já é difícil pensar as infâncias universais, imagine então evidenciar as outras infâncias? Como já apresentado inicialmente, vivemos em uma estrutura racista sustentada pela branquitude, como a autora Aparecida Bento (2002) denomina, que transmite o pacto da branquitude de geração em geração e pouco altera a hierarquia de dominação nas relações sociais e estruturais. Assim, “as instituições públicas, privadas e da sociedade civil definem, regulamentam e transmitem um modo de funcionamento que torna hegemônico e uniforme não só processos, ferramentas, sistemas de valores, mas também o perfil das pessoas que delas vão participar (Bento, 2021, p.18)”. Esse modo de perpetuar sua hegemonia, marginaliza as crianças negras e suas infâncias, que não evidenciadas em uma sociedade adultocêntrica e racista.

Contudo, os movimentos inventivos das mulheres negras, ao acessarem esses espaços acadêmicos de pesquisa e apontarem as diversas maneiras que o racismo atravessa a vida das crianças negras desde a tenra idade, iniciam um movimento em busca de denunciar esse sistema e propor práticas antirracistas para as infâncias negras nas teorias educacionais. Essas mulheres

que um dia foram crianças negras e convivem com muitas crianças negras, foram as pioneiras em fortalecer essas palavras chaves e denunciarem com suas pesquisas e criações os silenciamentos e invisibilidade social dessas crianças negras.

Na voz, as intelectuais negras brasileiras!

Qual a importância de apresentar uma reflexão teórica reverenciando as mulheres negras? É importante e indispensável pois foram elas que iniciaram a pesquisa de/com/para as crianças negras. Foram elas que evidenciaram que as infâncias têm cor, privilégios e diferenças. Foram elas que colocaram no mapa das pesquisas acadêmicas que as crianças negras existem e resistem. Sorriem, brincam, têm bagagem cultural, histórica, social, são atravessadas pelo racismo cotidianamente, mas não se limitam a ele. E se elas ainda estão à margem de serem as principais referências, as crianças negras também estão. Foram elas que nos mostraram que pesquisar infâncias negras é político e urgente!

As pesquisas das mulheres negras que se debruçam sobre os estudos da educação das relações étnico-raciais na infância, nos revelam o quanto o racismo está presente nas escolas desde a primeira infância; como ele fragiliza a identidade negra das crianças; como ainda as professoras perpetuam práticas racistas; como a política pública para as crianças negras é racista e eugenista e como a branquitude está também presente na primeira infância, porém, suas pesquisas não se limitam à denúncias e dores, elas destacam a celebração às culturas infantis negras, suas potencialidades, (re)existências e resistências.

Aqui no Brasil, tivemos início a esses debates e reflexões pensando infância e relações raciais, ainda na década de 50, através dos estudos da socióloga Virgínia Bicudo que abrem as portas para as discussões étnico-raciais na infância brasileira, a pesquisa desenvolvida a convite do “Projeto Unesco de Relações Raciais” intitulada “*Atitudes dos alunos dos grupos escolares em relação com a cor de seus colegas*” problematizou as condições de convivência das crianças, meninas, meninos, brancas, negras, imigrantes que compartilhavam o espaço escolar, e apontou que estereótipos, preconceitos, discriminação e desigualdades eram premissas que faziam parte do universo infantil, ela buscou evidenciar em sua pesquisa: “1) Os sentimentos e os mecanismos psíquicos de defesa manifestos nas atitudes relacionadas com a cor dos colegas; 2) A influência das relações intra-familiares no desenvolvimento daquelas atitudes” (Bicudo, 1955, p. 227). Este trabalho da autora, integrou o relatório do inquérito Unesco/Anhembi sobre as relações raciais entre negros e brancos em São Paulo. Para aquela época em que o debate racial e das infâncias ainda era inicial no Brasil,

evidenciar como as relações das crianças também eram construídas por esses códigos raciais era pioneiro.

Figura 1- Virgínia Bicudo



Fonte: site sbsociologia.com (2025, s/p).

Esse grande passo dado por Bicudo (1950) iniciou o caminho que foi fortalecido pelo Movimento Negro e pelo Feminismo Negro “que tem destacado a ênfase na diversidade interna dos gêneros femininos e, entre outras, na compreensão histórica dos efeitos do racismo no cotidiano das mulheres negras (Barbosa, 2013, p.41)”, a partir dessa junção racial de resistência outras mulheres negras puderam aprofundar e continuar esse debate das relações étnico raciais. A importância do feminismo negro em resgatar e evidenciar a intelectualidade das mulheres negras é primordial para que elas pudessem reconhecer suas potencialidades ancestrais e assim pudessem propor e criar novos caminhos na educação. Neste sentido:

O pensamento feminista negro possibilita às mulheres negras diferentes visões de si mesmas, e do seu mundo, mais do que a oferecida pela ordem social estabelecida. Isso é feito com base na cultura e nas tradições das mulheres negras; assim, o pensamento feminista negro rearticula a consciência do que já existe (Barbosa, 2013, p.47).

A partir do fortalecimento do movimento feminista negro, após 50 anos da publicação de Bicudo (1950) a professora Narcimária Luz (2000), mulher negra de axé, propôs com a pesquisa de doutorado intitulada “*Abebe: A Criação de Novas Perspectivas Epistemológicas em Educação*”, a construção de uma linguagem pedagógica fundamentada em buscar um lugar digno para as crianças e pessoas negras onde a identidade negra se preserve nessa sociedade discriminatória. A partir das experiências de um terreiro em Salvador, localizado na comunidade Oba Biyi, ela desenvolveu novos valores para a educação de crianças de 3 a 13 anos que sofriam exclusão na escola oficial nesse território.

A autora, de corpo inteiro com suas crenças, vai nos falar de um universo em que o olhar religioso perpassa todo o conhecimento e em todo tempo nos questiona a pensar que em uma sociedade racialmente discriminatória é possível uma relação igualitária sem que este movimento implique em perda de identidade? A educação pode contribuir para este objetivo?

Figura 2 – Narcimária Luz



Fonte: Blog do Acra (2025, s/p).

Mais à frente, diante dessa realidade racista da educação brasileira evidenciado pelas mulheres negras, a potência criadora e feminina negra dá instrumentos à professora Eliane Cavaleiro nos anos 2000 desenvolver uma pesquisa de mestrado intitulada “*Do silêncio do lar ao silêncio escolar: Racismo, preconceito e discriminação na Educação Infantil*” em que foi possível aprofundar os estudos sobre a socialização no que se refere as relações étnicas-raciais das crianças e das famílias na educação infantil, primeira etapa da educação básica, onde ela evidenciou que a criança negra, desde pequena, está sendo socializada para o silêncio e para a submissão, além de apresentar como na relação de negociação com o racismo as suas famílias utilizam do silêncio para protegê-las dessa opressão que não descansa nem diante a uma criança pequena.

A autora nos diz que:

A criança, no convívio social, pode ser levada a cristalizar sentimentos e ideais racistas. Dada a sistemática dessas relações, pode paulatinamente, mesmo sem se dar conta, incorporar um modo de pensar e agir em relação aos grupos raciais, a ponto de tomar como seus valores e crenças que lhe foram transferidos por outros (Cavaleiro, 2006, p. 84).

Os seus estudos foram de fundamental importância para o tensionamento da discussão étnico racial na primeira infância, que era ainda mais invisibilizada naquela época, não se tinham discussão que pensassem as diferenças das crianças nos espaços de socialização e nem como estas se comportavam nesses espaços. A pesquisa que tem como parte do título discutir

sobre os silenciados, ouviu as vozes das crianças negras e suas famílias que estão inseridas na nossa sociedade racista, mas que são invisibilizadas.

Figura 3 – Eliane Cavaleiro



Fonte: portal.ap.gov.com (2025, s/p).

Somado a estes trabalhos, temos os estudos, pesquisas e experiências de Vanda Machado desenvolvidos no *Projeto Político Pedagógico Irê Ayó*, desenvolvido em Salvador no ano de 2002 em parceria com a prefeitura de Salvador, nos apresenta uma outra possibilidade de trabalho étnico-racial a partir da história, cultura e memória dos povos africanos e afro-brasileiros para ensinar as crianças. Machado (2017, p. 35) nos conta que “os princípios e valores, símbolos divinizados são passados dos mais velhos aos mais novos como valores que fazem parte de uma herança imaterial comum, como memória coletiva”. Na experiência que ela propôs e construiu com a comunidade escolar, todos eles aprendiam a partir dos saberes do terreiro que a escola estava localizada, no cotidiano, com a integralidade do corpo, conectando o passado com o presente.

Figura 4- Vanda Machado



Fonte: site farol da barra (2025, s/p).

Além disso, com o avanço das lutas e debates sobre a educação das relações étnico-raciais no país, a partir da promulgação da lei 10.639/03 e da lei 11.645/08 que tornou obrigatório o ensino da *História e Cultura Afro-brasileira, Africana e Indígena* em todas as escolas, tivemos ainda mais produções visando a educação das relações étnico-raciais na infância. Gomes (2010, p. 21) nos diz que a referida lei:

[...] se insere em um processo de luta pela superação do racismo na sociedade brasileira e tem como protagonistas o Movimento Negro e os demais grupos e organizações partícipes da luta antirracista. Revela também uma inflexão na postura do Estado, ao pôr em prática iniciativas e práticas de ações afirmativas na educação básica brasileira, entendidas como uma forma de correção de desigualdades históricas que incidem sobre a população negra em nosso país.

Entretanto, podemos observar como essas mulheres contribuíram para esse movimento importante de fortalecer a luta antirracista a partir da legislação, e não podemos deixar de frisar que elas já exerciam essa educação, antes mesmo de ser obrigatório através das leis, pois para elas é uma ação política e ancestral garantir essa educação para as crianças negras desde a primeira infância.

Junto a essas mulheres negras encantadas e produtoras de conhecimentos, a intelectual Azoilda Loretto da Trindade (2005) evidenciou os *Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros* como caros para as vivências das crianças na educação infantil. Para a autora:

os Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros se trata da herança que os povos Africanos e seus descendentes implantaram, marcaram e instituíram no Brasil: A África e seus descendentes imprimiram e imprimem no Brasil valores civilizatórios, ou seja, princípios e normas que corporificam um conjunto de aspectos e características existenciais, espirituais, intelectuais e materiais, objetivas e subjetivas, que se constituíram e se constituem num processo histórico, social e cultural. E apesar do racismo, das injustiças e desigualdades sociais, essa população afro-descendente sempre afirmou a vida e, conseqüentemente, constitui o/s modo/os de sermos brasileiros e brasileiras. (Trindade, 2005, p. 30)

Através deles, a autora nos ajuda a refletir sobre dimensões da aprendizagem a partir da nossa ancestralidade e memória para consolidar experiências antirracistas, dentre eles ela nos apresenta: a circularidade, religiosidade, corporeidade, musicalidade, memória, ancestralidade, cooperativismo, oralidade, energia vital e a ludicidade como elementos que tecem nossa existência e resistência em diáspora, para ela, esses valores são essenciais para a construção de uma educação infantil respeitosa, representativa e sem fragmentações para as crianças negras.

Figura 5 - Azoilda Loretto Trindade



Fonte: acervo TV Futura (2025, s/p).

Deste modo, passados 74 anos desde que a primeira mulher negra ecoou sua voz e apontou a ferida colonial da nossa sociedade brasileira que inviabiliza as crianças negras e negligencia a oportunidade de se ter uma infância digna, com garantia de direitos e sem as dores do racismo, muitas outras vozes vieram e fortaleceram esse caminhar com e pelos pequenos sorrisos negros das nossas crianças.

A pesquisa de doutorado da professora Marta Alencar (2024) intitulada “*Pequenas Mahins: culturas infantis das meninas negras na Escola Comunitária Luiza Mahin em Salvador, Bahia*” nos convoca a entender que é preciso continuar ouvindo e enxergando as crianças negras para que possamos construir uma sociedade para elas mais equitativa. Segundo a autora citada, as crianças negras são “Como mensageiras da ancestralidade negra, as crianças negras trazem a continuidade. Elas não são velhas, não são novas e não são futuras. Elas são no presente, no aqui e no agora. Elas vão! Seguem em invenções, fissuras, insurgências e desobediências (Santos, 2024, p. 24)” e as como mulheres negras ancestrais seguem garantindo uma continuidade negra que cante, dance e celebre sua existência com orgulho de ser quem se é desde a primeira infância.

Figura 6 – Marta Alencar Santos



Fonte: arquivo pessoal (2025, s/p).

Neste sentido, reverenciando as que vieram antes e inspiram por sua força geradora, criativa e política, a autora Sandy Santos (2024) construiu com as crianças de uma escola de Feira de Santana um *Ateliê de Vivências étnico-raciais* que se apresenta como mais outra possibilidade ampliar o repertório de práticas e vivências antirracistas das crianças negras na educação infantil, este espaço se utiliza de várias linguagens que as acessam com integralidade, apontando as artes do corpo-território-criança (Santos, 2024) com as diversas formas de arte-educação, a literatura infantil afro-brasileira e africana enquanto potencializadoras de uma educação que acessem as crianças cotidianamente e que tem como base os valores africanos e afro-brasileiros que guardam nossa memória e ancestralidade.

Neste sentido, a autora nos diz que:

A educação das relações étnico-raciais deve ser voltada para a construção de uma escola e de práticas pedagógicas que insiram a diversidade, promovam a reflexão, a mudança de postura, estimulando práticas coletivas de combate ao racismo e à discriminação e respeito à diversidade étnico-racial (Santos, 2024, p. 358).

Entretanto, apesar de tantos anos de lutas, avanços e resistência das mulheres negras, ainda temos muito a conquistar e garantir que essa educação se universalize à todas as crianças negras, brancas, indígenas ou amarelas. E para isto, é preciso ouvir, evidenciar e aprender com as mulheres negras encantadas e criadoras que tanto tem a nos ensinar.

Considerações finais

Em síntese, as crianças negras existem e resistem! E nessa caminhada de flores espinhos, as mulheres negras nunca soltaram suas mãos. É preciso ter muito encantamento, ética e insurgência para enxergar as crianças negras nessa sociedade e ainda assim criar, recriar estratégias de proteção, acolhimento, emancipação e fortalecimento de suas identidades negras, pois, diante de toda uma estrutura machista, racista, sexista e adultocêntrica que busca nos engessar, diminuir e silenciar somente a resistência e sabedoria de mulheres negras ancestrais é capaz de romper com esses silêncios e ecoar as vozes que juntas fazem coro a toda nossa grandeza e esplendor da identidade negra brasileira.

Desse modo, evidenciar a produção e trajetória dessas mulheres negras se apresenta como urgente e necessário, pois suas existências e resistências possibilitaram a reflexão e prática da educação das relações étnico-raciais desde a primeira infância, oportunizando às crianças negras experiências e vivências antirracistas na contramão da narrativa estereotipada do racismo.

Referências

BARBOSA, Lícia Maria de Lima. **“Eu me alimento, eu me alimento, força e fé das iabás buscando empoderamento!” : expressões de mulheres negras jovens no Hip-hop baiano.** Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, 2013.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e branquitude no Brasil.** In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2002.

BICUDO, Virgínia Leone. **Atitudes dos alunos dos grupos escolares em relação com a cor dos seus colegas.** In: BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan (Org.). Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo. São Paulo: Editora Anhembi/Unesco, 1955. p. 227-310.

BICUDO, Virginia. Vírbiní Leone Bicudo. Imagem disponível em: <https://sbsociologia.com.br/project/virginia-leone-bicudo-2/oba-nijo-literatura-odara.html>. Acesso em fevereiro de 2025.

CAVALLEIRO, Eliane. Imagem disponível em: https://www.portal.ap.gov.br/ler_noticia.php?slug=0711/governo-do-amapa-reune-gestores-de-escolas-publicas-para-fortalecer-o-debate-sobre-justica-e-dignidade-racial-na-educacao. Acesso em fevereiro de 2025.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil.** São Paulo: Contexto. 2000.

LUGONES, María. **Rumo a um feminismo descolonial.** Revista Estudos Feministas [online]. 2014, v. 22, n. 3 [Acessado 3 dezembro 2024], pp. 935-952.

LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. **Abebe (a criação de novos valores na educação)**. Salvador: SECNEB, 2000.

LUZ, Mauricio. Narcimária Luz Imagem disponível em: <https://blogdoacra.blogspot.com/2015/04/>. Acesso em fevereiro de 2025.

MACHADO, Vanda. **Prosa de Nagô: educando pela cultura**. 2ª ed. Salvador: EDUFBA, 2017.

MACHADO, Audibênia Feire. Filosofia africana desde saberes ancestrais femininos: bordando perspectivas de descolonização do ser-tão que há em nós. **Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)**, 12(31.). (2020).

MACHADO, Vanda. Vanda MACHADO Imagem disponível em: <https://www.faroldabahia.com.br/noticia/podouble-vanda-machado-professora-e-doutora-e-a-convidada-do-programa-ao-vivo-desta-segunda-04>. Acesso em fevereiro de 2025.

MACHADO, Vanda. **Prosa de Nagô: educando pela cultura**. 2ª ed. Salvador: EDUFBA, 2017.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. "O negro do Pomba quando sai da Rua Nova, ele traz na cinta uma cobra coral"; os desenhos dos corpos-territórios evidenciados pelo **Afoxé Pomba de Malê**. 2014. 180 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Desenho Cultura e Interatividade) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014.

SANTOS, Marta Alencar dos. **Pequenas Mahins: culturas infantis das meninas negras na Escola Comunitária Luiza Mahin em Salvador, Bahia**. 2024. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2024.

SANTOS, Sandy Emanuele Sampaio. **Contribuições para educação das relações étnico-raciais na educação infantil: Vivências de um ateliê**. In: Seminário Internacional Infâncias e Pós-colonialismo: pesquisas em busca de pedagogias descolonizadoras (3. : 2024 : Campinas, SP).

SOUZA, Neusa S. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Valores Civilizatórios Afro-brasileiros na educação infantil**. MEC– Valores afro-brasileiros na Educação. Boletim, v. 22, 2005b.

TRINDADE, Azoilda Loretto. Azoilda Trindade. Imagem disponível em: publicacoes.de-gase.rj.gov.br. Acesso em fevereiro de 2025.

Education on ethnic-racial relations for black children: black brazilian women are their voice!

Abstract

This article reflects the concerns raised by a research project in progress in the Master's degree in Education at the State University of Feira de Santana, together with the experiences provided by the extension project “Descoral Education: Afro-Brazilian Possibilities for (RE)invention of Teachers - CNPq” developed in the quilombola territory of Candeal II in Feira de Santana, Bahia, in which, through readings and learning, a large volume of academic productions authored by black women on the subject in question were observed. Based on this context, our objective will be to highlight the leading role of black Brazilian women in the education of ethnic-racial relations for black children, highlighting their contributions to strengthening the identities of black children. To support our discussion, with a qualitative and bibliographical approach, we will use the theoretical contributions of African and Afro-Brazilian philosophies and black feminist epistemologies, based on authors such as Carneiro (2005), Lugones (2014), Cavalleiro (2000), Luz (2000), Machado (2017), Trindade (2005), Santos (2024), Miranda (2014), Santos (2024). This reflection leads us to think about the importance and need to highlight the intellectuality and creative power of black women, amplifying their voices and academic productions in the context of Brazilian educational theories, which are fundamental to confronting the racism present in the lives of black children from an early age, thus contributing to the strengthening of black identities through anti-racist practices from early childhood.

Keywords: Education of ethnic-racial relations; Black women; Black childhoods; Anti-racist education; Black Feminism.

Educación sobre relaciones étnico-raciales para niños negros: ¡las mujeres negras brasileñas hablan!

Resumen

Este artículo refleja las inquietudes levantadas por la investigación en desarrollo de la Maestría en Educación de la Universidad Estadual de Feira de Santana, juntamente con las experiencias proporcionadas por el proyecto de extensión “Educación Descoral: Posibilidades Afrobrasileñas de Enseñanza de la (RE)invención - CNPq” desarrollado en el territorio quilombola de Candeal II en Feira de Santana, Bahía, en el que, a la luz de las lecturas y aprendizajes, se observó un gran volumen de producciones académicas de autoría de mujeres negras sobre el tema en cuestión. A partir de este contexto, nuestro objetivo será destacar el papel protagónico de las mujeres negras brasileñas en la educación de las relaciones étnico-raciales para niños negros, destacando sus contribuciones para el fortalecimiento de las identidades de los niños negros. Para fundamentar nuestra discusión, con un enfoque cualitativo y de carácter bibliográfico, utilizaremos el aporte teórico de las filosofías africanas y afrobrasileñas y de las epistemologías feministas negras, a partir de autoras como Carneiro (2005), Lugones (2014), Cavalleiro (2000), Luz (2000), Machado (2017), Trindade (2005), Santos (2024), Miranda (2014), Santos (2024). Esta reflexión nos obliga a pensar en la importancia y necesidad de destacar la intelectualidad y el poder creativo de las mujeres negras, amplificando sus voces y producciones académicas en el contexto de las teorías educativas brasileñas, que son fundamentales para enfrentar el racismo presente en la vida de los niños negros desde edades tempranas, contribuyendo así al fortalecimiento de las identidades negras a través de prácticas antirracistas desde la primera infancia.

Palabras clave: Educación de las relaciones étnico-raciales; mujeres negras; Infancia negra; Educación antirracista; Feminismo negro.

Éducation sur les relations ethniques et raciales pour les enfants noirs : les femmes noires brésiliens s'expriment !

Résumé

Cet article reflète les préoccupations soulevées par la recherche en cours de développement dans le Master en Éducation de l'Université d'État de Feira de Santana, ainsi que les expériences fournies par le projet d'extension « Éducation Descoral : Possibilités afro-brésiliennes pour l'enseignement (RE)invention - CNPq » développé dans le territoire quilombola de Candeal II à Feira de Santana, Bahia, dans lequel, à la lumière des lectures et des apprentissages, un grand volume de productions académiques rédigées par des femmes noires sur le sujet en question a été observé. Dans ce contexte, notre objectif sera de souligner le rôle prépondérant des femmes noires brésiliennes dans l'éducation des relations ethno-raciales des enfants noirs, en soulignant leurs contributions au renforcement des identités des enfants noirs. Pour étayer notre discussion, avec une approche qualitative et de nature bibliographique, nous utiliserons l'apport théorique des philosophies africaines et afro-brésiliennes et des épistémologies féministes noires, basées sur des auteurs tels que Carneiro (2005), Lugones (2014), Cavalleiro (2000), Luz (2000), Machado (2017), Trindade (2005), Santos (2024), Miranda (2014), Santos (2024). Cette réflexion nous oblige à réfléchir à l'importance et à la nécessité de mettre en valeur l'intellectualité et le pouvoir créatif des femmes noires, en amplifiant leurs voix et leurs productions académiques dans le contexte des théories éducatives brésiliennes, qui sont fondamentales pour affronter le racisme présent dans la vie des enfants noirs dès leur plus jeune âge, contribuant ainsi au renforcement des identités noires à travers des pratiques antiracistes dès la petite enfance.

Mots clés : Éducation aux relations ethno-raciales ; Femmes noires; Enfances noires ; Éducation antiraciste; Féminisme noir.